TEXTO PARA DISCUSSÃO

3104

O BRASIL E O BRICS EXPANDIDO: RELAÇÕES COMERCIAIS RECENTES E RECOMENDAÇÕES

MARCO AURÉLIO ALVES DE MENDONÇA
TAINARI TAIOKA
CARLOS RENATO UNGARETTI

60 ipea

TEXTO PARA DISCUSSÃO

3104

Rio de Janeiro, abril de 2025

O BRASIL E O BRICS EXPANDIDO: RELAÇÕES COMERCIAIS RECENTES E RECOMENDAÇÕES

MARCO AURÉLIO ALVES DE MENDONÇA[1]
TAINARI TAIOKA[2]
CARLOS RENATO UNGARETTI[3]

1. Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos Internacionais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dinte/Ipea). *E-mail*: marco.mendonca@ipea.gov.br.

2. Bolsista do Subprograma de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) na Dinte/Ipea. *E-mail*: tainari.taioka@ipea.gov.br.

3. Bolsista do PNPD na Dinte/Ipea. *E-mail*: carlos.ungaretti@ipea.gov.br.

Governo Federal

Ministério do Planejamento e Orçamento
Ministra Simone Nassar Tebet

ipea **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**

Fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento e Orçamento, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidenta
LUCIANA MENDES SANTOS SERVO

Diretor de Desenvolvimento Institucional
FERNANDO GAIGER SILVEIRA

Diretora de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia
LUSENI MARIA CORDEIRO DE AQUINO

Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas
CLÁUDIO ROBERTO AMITRANO

Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais
ARISTIDES MONTEIRO NETO

Diretora de Estudos e Políticas Setoriais, de Inovação, Regulação e Infraestrutura
FERNANDA DE NEGRI

Diretor de Estudos e Políticas Sociais
RAFAEL GUERREIRO OSÓRIO

Diretora de Estudos Internacionais
KEITI DA ROCHA GOMES

Chefe de Gabinete
ALEXANDRE DOS SANTOS CUNHA

Coordenadora-Geral de Imprensa e Comunicação Social
GISELE AMARAL

Ouvidoria: https://www.ipea.gov.br/ouvidoria
URL: https://www.ipea.gov.br

Texto para Discussão

Publicação seriada que divulga resultados de estudos e pesquisas em desenvolvimento pelo Ipea com o objetivo de fomentar o debate e oferecer subsídios à formulação e avaliação de políticas públicas.

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – **ipea** 2025

Mendonça, Marco Aurélio Alves de
O Brasil e o BRICS expandido : relações comerciais recentes e recomendações / Marco Aurélio Alves de Mendonça, Tainari Taioka, Carlos Renato Ungaretti. – Rio de Janeiro: Ipea, 2025.
32 p.: il., gráfs. – (Texto para Discussão ; n. 3104).

Inclui Bibliografia.
ISSN 1415-4765

1. BRICS. 2. Novos Membros. 3. Comério Internacional. I. Taioka, Tainari. II. Ungaretti, Carlos Renato. III. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. IV. Título.

CDD 382.30981

Ficha catalográfica elaborada por Elizabeth Ferreira da Silva CRB-7/6844.

Como citar:
MENDONÇA, Marco Aurélio Alves de; TAIOKA, Tainari; UNGARETTI, Carlos Renato. **O Brasil e o BRICS expandido**: relações comerciais recentes e recomendações. Rio de Janeiro: Ipea, abr. 2025. 32 p.: il. (Texto para Discussão, n. 3104). DOI: https://dx.doi.org/10.38116/td3104-port

JEL: F02; F13; F53.

As publicações do Ipea estão disponíveis para *download* gratuito nos formatos PDF (todas) e EPUB (livros e periódicos).

Acesse: https://repositorio.ipea.gov.br/.

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento e Orçamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

SUMÁRIO

SINOPSE

ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO 6

2 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO 7

3 ANÁLISE DESCRITIVA DAS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE O BRASIL E OS DEMAIS INTEGRANTES DO BRICS 11

4 ANÁLISE DESCRITIVA DAS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE O BRASIL E OS CINCO NOVOS INTEGRANTES DO BRICS 20

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES 25

REFERÊNCIAS 28

SINOPSE

O BRICS original, composto por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, desempenha um papel central na geopolítica internacional e tem como objetivo fortalecer a representatividade das economias emergentes. Desde a sua criação, o bloco tem promovido iniciativas que visam reduzir a hegemonia do Ocidente nas finanças globais, como a criação do Novo Banco de Desenvolvimento (New Development Bank – NDB). A expansão do BRICS em 2023, com a inclusão de cinco novos membros (Arábia Saudita, Egito, Etiópia, Emirados Árabes Unidos e Irã), reforçou a relevância econômica global do grupo, que passou a representar 36% do produto interno bruto (PIB) mundial. Os dados mostraram que o comércio intrabloco, liderado pela China, cresceu significativamente entre 2000 e 2023, enquanto o Brasil se destaca como exportador de *commodities*. Este texto examina a evolução das relações comerciais entre o Brasil e os outros países do BRICS, assim como com os novos integrantes, destacando a importância estratégica de parcerias econômicas e comerciais.

Palavras-chave: BRICS; novos membros; comércio internacional.

ABSTRACT

The original BRICS, composed of Brazil, Russia, India, China, and South Africa, plays a central role in international geopolitics and aims to strengthen the representation of emerging economies. Since its creation, the bloc has promoted initiatives aimed at reducing the West's hegemony in global finance, such as the establishment of the New Development Bank (NDB). The expansion of BRICS in 2023, including five new members (Saudi Arabia, Egypt, Ethiopia, the United Arab Emirates, and Iran), reinforces the group's global economic relevance, now representing 36% of the world's gross domestic product (GDP). Data has shown that intra-BRICS trade, led by China, grew significantly between 2000 and 2023, while Brazil stands out as a major exporter of commodities. This article examines the evolution of trade relations between Brazil and BRICS countries, as well as with the new members, highlighting the strategic importance of economic and commercial partnerships.

Keywords: BRICS; BRICS+; new members; international trade.

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2024 é muito importante para o grupamento Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (BRICS), pois pela primeira vez se observou a efetiva adesão de novos membros, desde 2011,[1] decidida na ocasião da XV Cúpula do BRICS, realizada em 2023 em Joanesburgo, na África do Sul. Com o ajuntamento de novos participantes (Arábia Saudita, Irã, Egito, Etiópia e Emirados Árabes Unidos), a relevância do bloco se ampliou no contexto do desenvolvimento econômico no Sul global, no objetivo de obter maior grau de influência entre os países em desenvolvimento na governança global.

Com o ingresso de novos membros, o BRICS reforça sua influência em termos de dotação de recursos, sobretudo ao reunir grandes produtores de energia e de recursos minerais, além de mercados consumidores de energia em rápido crescimento (Kazelko e Semeghini, 2024). Em sua nova formação, o BRICS passa a contribuir com 42% do fornecimento global de petróleo e 35% da produção de gás natural, sendo também responsável por 35% do consumo destes mesmos combustíveis.[2]

O processo de expansão desencadeado na Cúpula de Joanesburgo, em 2023, recebeu novos contornos com a XVI Cúpula do BRICS, realizada em 2024 em Kazan, na Rússia. Por meio da criação de uma nova categoria de adesão, treze países foram incorporados ao BRICS na condição de países parceiros, permitindo-os participar das discussões do grupo, embora sem direito a voto. Os novos parceiros incluem quatro países do Sudeste Asiático (Malásia, Indonésia, Vietnã e Tailândia), três africanos (Nigéria, Argélia e Uganda), dois latino-americanos (Cuba e Bolívia), além da Turquia, Uzbequistão, Cazaquistão e Bielorrússia (Norton, 2024).

Este estudo tem por objetivo apresentar a evolução recente das relações comerciais entre os países do BRICS e, mais especificamente, entre o Brasil e os países do grupo. Pretende-se, a partir deste mapeamento, apresentar sugestões e perspectivas que afetem positivamente o incremento do comércio e que favoreçam o crescimento das economias.

O texto está subdivido em quatro seções, além desta introdução. A segunda traz um breve contexto histórico acerca do BRICS, situando seus objetivos, processo evolutivo e perspectivas futuras. A seção 3 apresenta dados descritivos sobre o comércio

1. Ano do ingresso da África do Sul no grupamento.

2. Informação obtida a partir da agregação de dados da Statistical Review of World Energy do Energy Institute, disponível em: https://www.energyinst.org/statistical-review.

intrabloco, com foco no Brasil. Na quarta seção, exibem-se as relações comerciais entre o Brasil e os novos integrantes do bloco. Por fim, a última seção apresenta algumas recomendações para incremento do comércio.

2 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

O BRICS é um agrupamento geopolítico transregional composto inicialmente pelas principais economias emergentes do mundo, a saber: Brasil, Rússia, Índia e China. A ideia apareceu pela primeira vez em 2001, quando o economista Jim O'Neill, do grupo financeiro Goldman Sachs, citou o termo em um relatório de sua autoria, que enfatizava a importância de países em desenvolvimento, com grandes populações, economias em rápido crescimento e influência geopolítica crescente.[3]

Sob a sigla BRIC, o grupo reuniu, em sua formação inicial, em 2006, economias emergentes para discutir e definir alguns rumos, e depois transformou-se em uma cúpula de interesses comuns desses Estados. O objetivo principal foi ampliar a influência das economias em desenvolvimento na governança global e apresentar alternativas às tradicionais instituições ocidentais, em particular o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial.

A crise financeira de 2008, com epicentro nos Estados Unidos e demais economias desenvolvidas, tornou mais nítido o descompasso entre a estatura das economias do então BRIC e de suas respectivas representações nas instituições de governança econômica internacional, amplamente dominadas pelos Estados Unidos e países da União Europeia. Conforme recordam Duggan e Azalia (2020), a despeito de se diferenciarem em termos culturais, políticos e demográficos, os países do BRICS compartilham a aspiração de se tornarem "formadores de regras" (*rule makers*), em vez de "tomadores de regras" (*rule takers*), dentro da governança global.

A primeira cúpula de chefes de Estado ocorreu em 2009, na Rússia, onde se decidiu que os encontros seriam realizados anualmente. Durante esta primeira reunião, ficou deliberado que as economias emergentes necessitavam de maior representatividade nas instituições financeiras internacionais. Além disso, em 2011, decidiu-se pela inclusão

3. O documento foi intitulado *Building better global economic BRICs* e fez a referência pioneira ao acrônimo do grupo, com Brasil, Rússia, Índia e China, para designar países com potencial econômico semelhante que, na época, se encontravam às margens das reuniões do então Grupo dos Oito (G8) – Grupo dos Sete (G7) mais a Rússia –, formado pelas oito maiores economias do mundo (O'Neill, 2001).

da África do Sul no grupo, formando, assim, o BRICS (Bueno, 2019; Gouvea e Gutierrez, 2023; Gennari, Miglioli e Lima Filho, 2024; Bhowmick e Bardhan, 2024).

A principal iniciativa do bloco foi a criação do Novo Banco de Desenvolvimento (New Development Bank – NDB), ou banco dos BRICS, em 2014, durante a Cúpula de Fortaleza. Desde 2023, o banco é presidido pela ex-presidente brasileira Dilma Rousseff. O objetivo da instituição é oferecer financiamento de forma alternativa e/ou complementar ao FMI e ao Banco Mundial. A iniciativa, que tem como enfoque projetos de infraestrutura sustentável, surgiu em contraponto às normas e restrições condicionantes às linhas de crédito oferecidas por essas instituições tradicionais, em particular aos países em desenvolvimento.

O NDB começou a operar em 2016 com um capital autorizado de US$ 100 bilhões e US$ 50 bilhões de capital subscrito, ficando cada membro responsável por 20% deste valor, totalizando US$ 10 bilhões cada[4] (Gennari, Miglioli e Lima Filho, 2024). Atualmente, todos os países do BRICS têm projetos no banco, em áreas como tecnologia e inovação e desenvolvimento de baixo carbono.[5] Ademais, países não membros do BRICS também fazem parte do NDB, como é o caso do Uruguai, na América Latina, e de Bangladesh, na Ásia.[6]

A trajetória do BRICS é marcada, entre outros aspectos, pelo seu processo de maturação institucional. Desde o seu primeiro ciclo de cúpulas, o BRICS mostrou-se capaz de manter diálogos regulares entre chefes de Estado, ampliar os contatos nos níveis ministerial, técnico e burocrático e diversificar as suas agendas de discussão. Além disso, houve progressos na incorporação gradativa de atores governamentais e não governamentais em espaços de interação e deliberação, como o Fórum Acadêmico do BRICS e o Fórum de Negócios do BRICS, entre outros (Guerrero, 2022).

4. O NDB tem um capital inicial autorizado de US$ 100 bilhões, dividido em 1 milhão de ações com valor nominal de US$ 100 mil cada. Os membros fundadores do banco fizeram uma subscrição inicial de 500 mil ações, totalizando US$ 50 bilhões, incluindo 100 mil ações correspondentes a um capital integralizado de US$ 10 bilhões e 400 mil ações correspondentes a um capital exigível de US$ 40 bilhões. O capital inicial subscrito foi distribuído igualmente entre os membros fundadores. Disponível em: https://bit.ly/3ZFbGvR.

5. Até agosto de 2024, os financiamentos aprovados do NDB superaram US$ 32 bilhões, distribuídos em 96 projetos. Disponível em: https://www.ndb.int/projects/all-projects/page/2/?country=brazil&key_area_focus&project_status=approved&type_category&pyearval. Acesso em: 1º out. 2024.

6. Emirados Árabes Unidos, em 2021, e Egito, em 2023, também aderiram ao NDB antes de se tornarem membros plenos do agrupamento.

Em contrapartida, é imperativo reconhecer que, ante as diversas previsões que apontavam a sua efemeridade,[7] a resiliência do BRICS convive com divergências, fissuras e barreiras que têm dificultado maior coesão do agrupamento e limitado sua capacidade de articulação e ação coletiva. As distâncias geográficas e culturais, os distintos níveis de desenvolvimento socioeconômico e as diferentes configurações político-administrativas, combinados com divergências bilaterais, notadamente entre China e Índia, impuseram desafios ao fortalecimento do BRICS e reduziram a sua capacidade de traduzir aspirações estratégicas em ações concretas no nível multilateral[8] (Vazquez, 2021; Lo, 2016).

Desse processo, observou-se a partir de meados da década passada um certo esvaziamento do BRICS, processo que se acentuou pelos contextos de crises econômicas e político-institucionais que se abateram sobre Brasil, África do Sul e Rússia (Milhorance, 2021). Nos últimos anos, contudo, a importância do BRICS se viu renovada, devido, em parte, ao contexto global cambiante, marcado pela ocorrência de choques externos catalisadores de mudanças estruturais, entre os quais se incluem os efeitos da pandemia, o acirramento da competição entre China e Estados Unidos (Pennaforte e Luigi, 2020), além do conflito na Ucrânia.

As tendências de fragmentação da ordem global (Acharya, 2016) e de clivagens entre Oriente e Ocidente (Visentini, 2022) reafirmaram a importância do BRICS, que passou a ser identificado, em especial por Rússia e China, como plataforma de enorme significância para mobilização de parcerias no Sul global e de criação de mecanismos alternativos às estruturas institucionais e financeiras do Ocidente (Gabuev e Stuenkel, 2024). O reconhecimento acerca da centralidade do BRICS no novo panorama geopolítico tem despertado o interesse de outros países: mais de quarenta demonstraram interesse em integrar o agrupamento e 22 solicitaram formalmente sua adesão no contexto da Cúpula de Johanesburgo, em 2023 (Cocks, 2023).

Com o intuito de ampliar a cooperação entre os países, foram convidados seis novos membros, a saber: Argentina, Arábia Saudita, Egito, Etiópia, Emirados Árabes

7. O BRICS enfrentou inúmeros críticos e céticos desde as suas origens. Stevens (2011) chegou a anunciar que era "hora de se despedir", considerando a perda de relevância do BRICS ante as suas diferenças políticas significativas e as rivalidades entre seus membros, em especial China e Índia. O BRICS seria uma categoria simplista, que reunia sob um mesmo grupo países heterogêneos com interesses predominantemente divergentes.

8. De acordo com Vazquez (2021), o BRICS tem transitado de alinhamentos multilaterais para arranjos bilaterais. Nesta nova fase, a "bilateralização" do BRICS confere maior flexibilidade aos membros, dado o custo de reunir recursos e atingir consensos entre vários países, embora também signifique maiores dificuldades de ação concreta em nível multilateral.

Unidos e Irã. Com exceção do país sul-americano, que com a eleição de Javier Milei optou pela não adesão ao BRICS, os demais países passaram a compor a nova configuração do grupo, que atualmente reúne 45% da população, 25% do comércio, 40% da produção de petróleo e mais de um terço do produto interno bruto (PIB) mundial,[9] medido em paridade de poder de compra (Yan, 2024). O compromisso original de cooperação econômica e financeira e a garantia de maior representatividade aos países do Sul global (ou *world majority*, como sugerido pela Rússia) foram mantidos.[10]

A busca por protagonismo do BRICS se evidencia pelo desejo de fortalecer o protagonismo das grandes economias em desenvolvimento. A declaração conjunta resultante da Cúpula do BRICS de 2023 destacou a importância do comércio em moedas locais:

> Reconhecemos os benefícios amplamente disseminados de sistemas de pagamento rápidos, baratos, transparentes, seguros e inclusivos [...]. Acolhemos com satisfação a troca de experiências entre os membros do BRICS sobre infraestruturas de pagamento, incluindo a interligação de sistemas de pagamento transfronteiriços. Acreditamos que isso fortalecerá ainda mais a cooperação entre os países do BRICS e incentivará um diálogo adicional sobre instrumentos de pagamento para facilitar o comércio e os fluxos de investimento entre os membros do BRICS, bem como com outros países em desenvolvimento. Ressaltamos a importância de incentivar o uso de moedas locais no comércio internacional e em transações financeiras entre os países do BRICS, assim como seus parceiros comerciais. Também incentivamos o fortalecimento das redes de bancos correspondentes entre os países do BRICS e a viabilização de liquidações em moedas locais (Brasil, 2023, tradução nossa).

Mais importante do que os anúncios referentes à possível pretensão do BRICS de estabelecer uma moeda única,[11] interessa observar o objetivo compartilhado entre os membros: reduzir a dependência e a vulnerabilidade em relação ao dólar, promover

9. Embora a Arábia Saudita não tenha ratificado a adesão ao BRICS, optou-se, neste trabalho, por considerar o país como um dos novos entrantes. É importante ressaltar, portanto, que quatro dos cinco novos membros são islâmicos, e três, grandes produtores de petróleo. Esse panorama é importante para caracterizar a relevância geopolítica do grupo, uma vez que o apoio dos países produtores de petróleo à agenda global de transição energética depende do vislumbre de alternativas para seu desenvolvimento econômico.

10. Disponível em: https://www.fiw.ac.at/en/2024/02/15/brics-plus-a-new-world-order-and-the-end-of-the-us-dollar-as-the-global-reserve-currency/.

11. A proposta referente à criação de uma moeda única foi realizada pelo presidente Lula no plenário de abertura da Cúpula de Johanesburgo. A proposta, contudo, não integrou a agenda de discussões durante o encontro (Savage e Plessis, 2023).

uma economia global multipolar e oferecer proteção contra as flutuações cambiais (Bhowmick e Bardhan, 2024; Gennari, Miglioli e Lima Filho, 2024).

Nesse novo contexto, compreende-se que há espaço para incremento da cooperação econômica entre o Brasil e os países-membros, incluindo acordos comerciais, projetos de infraestrutura e desenvolvimento de baixo carbono. Contudo, existem desafios entre as relações de comércio multilateral do Brasil, tanto dentro do bloco como no comércio internacional como um todo, que perpassam questões ligadas à proteção ambiental, direitos dos trabalhadores e proteção de propriedade intelectual – especialmente as questões ambientais, que são cada vez mais ressaltadas em regulamentos e legislações nacionais e regionais e em acordos comerciais. Exemplo desta articulação entre comércio e meio ambiente encontra-se presente no Mecanismo de Ajuste de Carbono na Fronteira (Carbon Border Adjustment Mechanism – CBAM), que prevê a implementação na União Europeia de um imposto adicional sobre determinados produtos importados, com potenciais repercussões sobre os países exportadores (Leite *et al*., 2021).

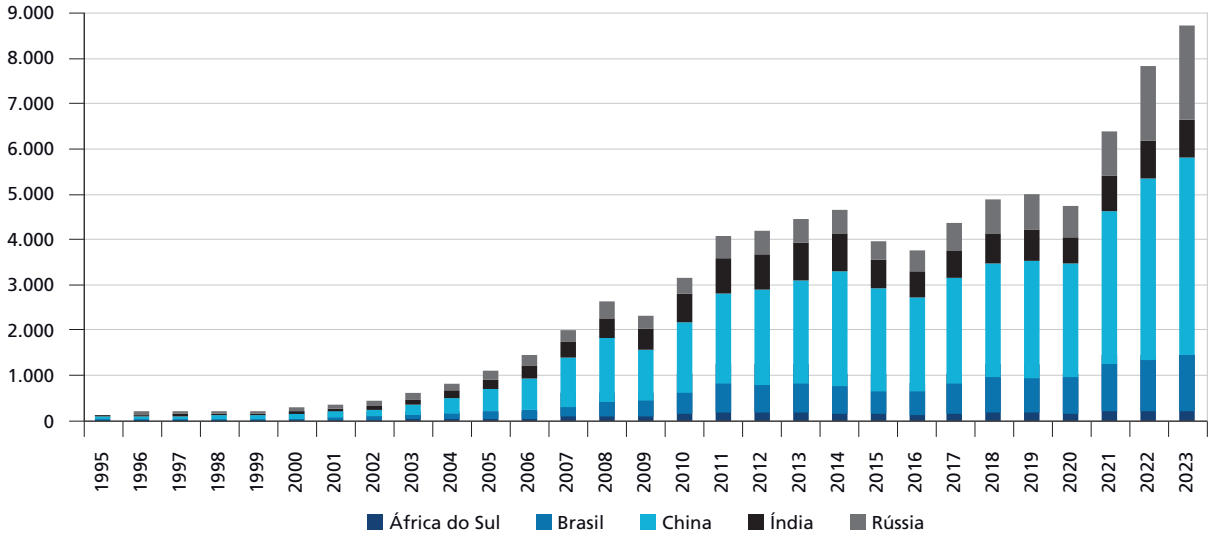
Nesse sentido, aliar políticas internas e a coordenação intrabloco ao fortalecimento de instituições como o NDB e a Organização Mundial do Comércio (OMC) pode contribuir para ampliar a previsibilidade e estabilidade nas relações comerciais brasileiras, bem como favorecer a integração do país a cadeias produtivas sustentáveis e inclusivas (Carlos, 2024).

3 ANÁLISE DESCRITIVA DAS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE O BRASIL E OS DEMAIS INTEGRANTES DO BRICS

Os gráficos 1 e 2 apresentam, respectivamente, o panorama das exportações e importações realizadas pelos cinco países-membros do BRICS no período de 1995 a 2023, em dólares.[12] Em 2011, ano em que a África do Sul passou a integrar o bloco, as exportações dentro do BRICS atingiram US$ 4,1 trilhões e, em 2023, o valor alcançou US$ 8,7 trilhões (aumento de 115,06%). Já as importações entre os membros atingiram US$ 6,4 trilhões, em 2011, e US$ 10,4 trilhões, em 2023, representando um aumento de 60,6%, conforme ilustra o gráfico 2.

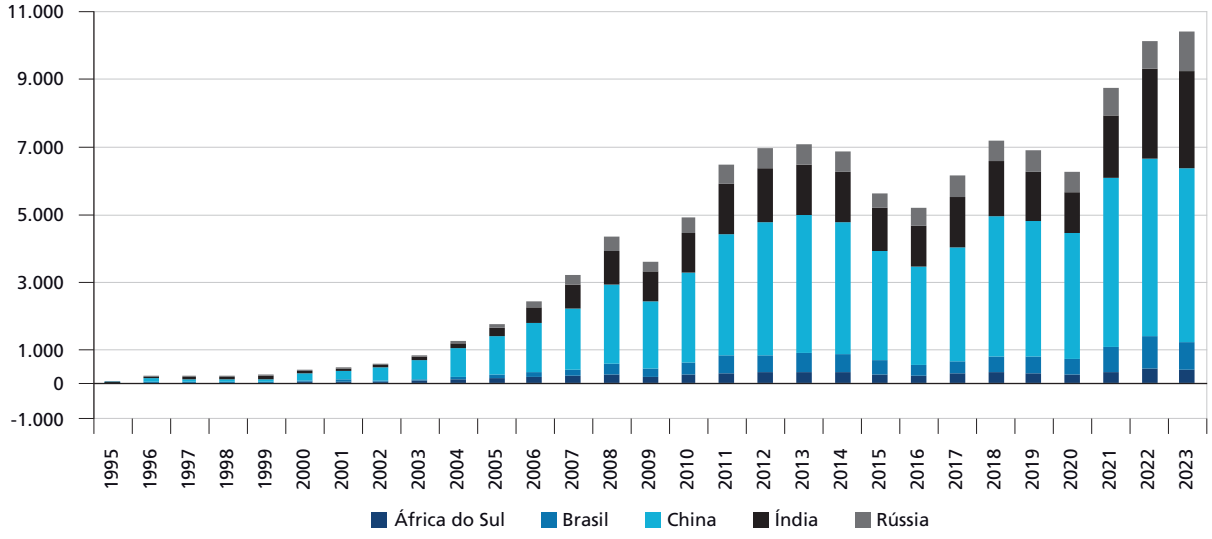
12. Os dados de 2022 e 2023 para a Rússia foram calculados a partir das exportações e importações de outros países, uma vez que os dados oficiais não estão disponíveis na UN Comtrade Database.

GRÁFICO 1
BRICS: total exportado intrabloco (1995-2023)
(Em US$ bilhões)



Fonte: UN Comtrade Database, 2024. Disponível em: https://comtradeplus.un.org/TradeFlow?Frequency=A&Flows=X&CommodityCodes=TOTAL&Partners=0&Reporters=all&period=2023&AggregateBy=none&BreakdownMode=plus. Acesso em: 10 ago. 2024.

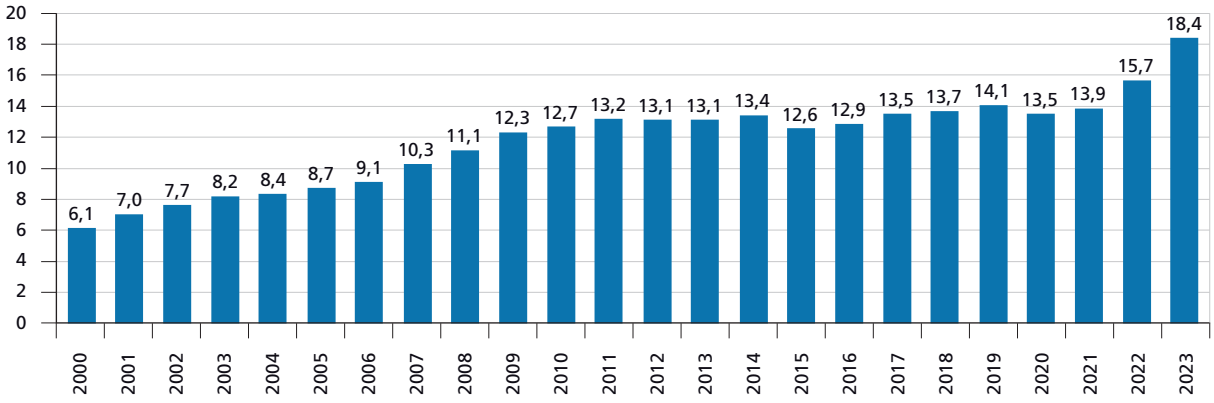
GRÁFICO 2
BRICS: total importado intrabloco (1995-2023)
(Em US$ bilhões)



Fonte: UN Comtrade Database, 2024. Disponível em: https://comtradeplus.un.org/TradeFlow?Frequency=A&Flows=X&CommodityCodes=TOTAL&Partners=0&Reporters=all&period=2023&AggregateBy=none&BreakdownMode=plus. Acesso em: 10 ago. 2024.

O gráfico 3 mostra a evolução da participação intrabloco nas exportações mundiais totais. Houve aumento de 5,2% na participação do grupo de interesse entre 2011 e 2023. Este panorama foi impulsionado principalmente pela China, responsável por 50% do aumento da participação do BRICS. Em seguida, surge a Rússia, com 24%; o Brasil, com 14%; a Índia, com 10%; e a África do Sul, com 2%. No que se refere ao crescimento das exportações dentro do BRICS, nota-se uma maior participação da Rússia (aumento de 326%), no período de 2011 a 2023. A China ficou em segundo lugar, com crescimento de 120% no período. O Brasil apresentou elevação de 92% das exportações. Por fim, apareceram a África do Sul, com crescimento de 15%, e a Índia, com 11%.

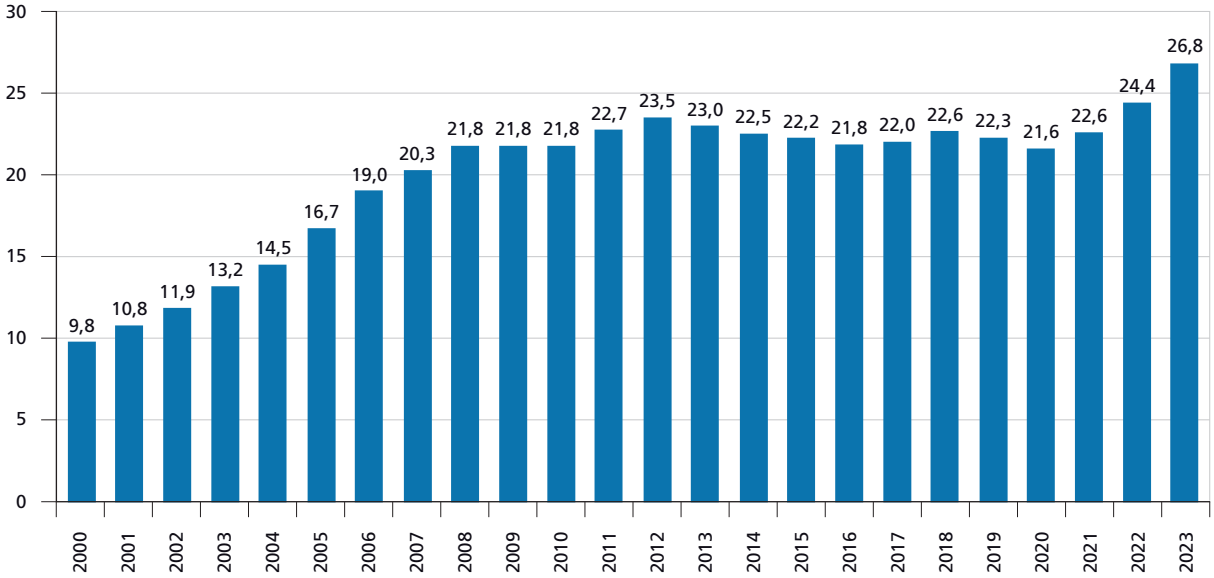
GRÁFICO 3
BRICS: participação intrabloco em relação ao total das exportações globais (2000-2023)
(Em %)



Fonte: UN Comtrade Database, 2024. Disponível em: https://comtradeplus.un.org/TradeFlow?Frequency=A&Flows=X&CommodityCodes=TOTAL&Partners=0&Reporters=all&period=2023&AggregateBy=none&BreakdownMode=plus. Acesso em: 10 ago. 2024.

O gráfico 4 mostra a participação intrabloco no total das importações globais. Houve aumento da participação de 4,1%, entre 2011 e 2023, impulsionado principalmente pela China (50% do total), em 2023. Em seguida, aparece a Índia (28%), a Rússia (11%), o Brasil (8%) e a África do Sul (4%). No que diz respeito ao crescimento das importações no período de 2011 a 2023, a Rússia apareceu em primeiro lugar, com aumento de 105%, seguida da Índia, com elevação de 92%, do Brasil, com 60%, da China, com 43%, e da África do Sul, com 31%.

GRÁFICO 4
BRICS: participação intrabloco em relação ao total de importações globais (2000-2023)
(Em %)



Fonte: UN Comtrade Database, 2024. Disponível em: https://comtradeplus.un.org/TradeFlow?Frequency=A&Flows=X&CommodityCodes=TOTAL&Partners=0&Reporters=all&period=2023&AggregateBy=none&BreakdownMode=plus. Acesso em: 10 ago. 2024.

Chama a atenção o aumento relativo da Rússia no comércio intrabloco, entre 2011 e 2023. Este resultado pode ser atribuído a quatro fatores principais: o redirecionamento comercial após sanções ocidentais, especialmente após 2014 e 2022; o fortalecimento de acordos energéticos com China e Índia, grandes consumidores de petróleo e gás; a diversificação das exportações russas, incluindo produtos agrícolas e minerais; e a ampliação de parcerias tecnológicas e industriais, especialmente em defesa (Gouvea e Gutierrez, 2023).

Além disso, cabe destacar que as limitações ao comércio exterior russo impostas pelas sanções têm incentivado a criação de mecanismos de comércio baseados em moedas locais. Os pagamentos de bens chineses enviados à Rússia e de bens russos exportados à China, por exemplo, são feitos preponderantemente em yuan[13] (Prokopenko, 2024). O uso de moedas locais também tem sido pauta de negociações

13. Em 2023, cerca de um terço do comércio exterior russo foi transacionado em yuan (Prokopenko, 2024).

entre Rússia e Índia, que experimentaram incremento significativo do comércio em razão da elevação das exportações de petróleo russo ao mercado indiano[14] (Yadav, 2024; Bhattacherjee, 2024).

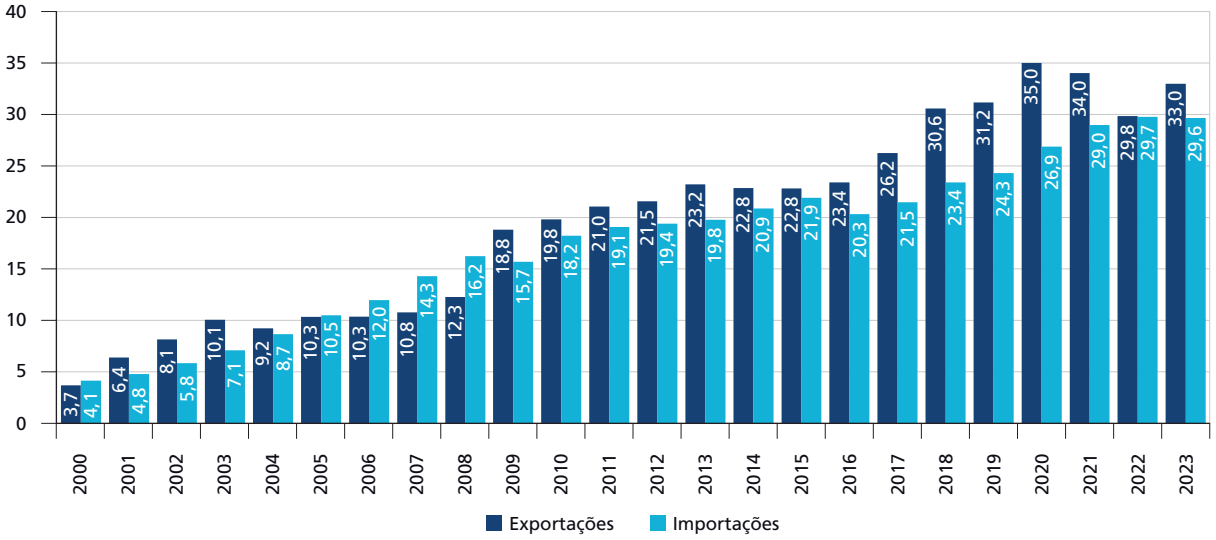
Notavelmente, os últimos anos têm sido marcados por esforços empreendidos por formuladores de políticas no âmbito do BRICS, particularmente pela China, visando incrementar o uso de outras moedas, além do dólar (Greene, 2023). Evidência deste panorama pode ser encontrada nas negociações entre Brasil e China, que em 2023 completaram pela primeira vez uma transação baseada somente em moedas locais (Moliterno, 2023). Vale sublinhar que outros entendimentos bilaterais têm sido estabelecidos entre membros do BRICS, como entre os Emirados Árabes Unidos e a Índia, que celebraram recentemente um acordo para facilitação de comércio em moedas locais (Chaturvedi, 2023).

No que diz respeito às exportações brasileiras para o BRICS, notou-se um aumento significativo ao longo do tempo, como mostra o gráfico 5, com destaque para a participação relativa da China, que apresentou crescimento de 135% entre 2011 e 2023, e da Índia, que teve um aumento de 46%. A África do Sul e a Rússia tiveram queda no total de exportações brasileiras de 2% e 68%, respectivamente. As importações brasileiras dos países do BRICS apresentaram aumento expressivo, a saber: da Rússia, houve crescimento de 251% entre 2011 e 2023; da China, aumento de 60%; da Índia, 14%; mas da África do Sul, observou-se queda de 37%.

A tabela 1 evidencia que 91,9% das exportações brasileiras para os países do BRICS foram destinadas à China (média para 2019-2023), reforçando a importância das relações comerciais com este país, que desde 2009 permanece como principal parceiro comercial do Brasil. Índia, Rússia e África do Sul representaram juntas apenas 8,1% das exportações totais brasileiras no bloco.

14. A Rússia é o principal fornecedor de petróleo para a Índia, um dos principais importadores globais de petróleo. Em julho de 2024, a Índia chegou a ultrapassar a China como maior importador de petróleo russo, com uma expansão para mais de 2 milhões de barris por dia (*barrels per day* – bpd) (Verma, 2024).

GRÁFICO 5
Participação do BRICS nas exportações e importações totais do Brasil (2000-2023)
(Em %)



Fonte: UN Comtrade Database, 2024. Disponível em: https://comtradeplus.un.org/TradeFlow?Frequency=A&Flows=X&CommodityCodes=TOTAL&Partners=0&Reporters=all&period=2023&AggregateBy=none&BreakdownMode=plus. Acesso em: 10 ago. 2024.

TABELA 1
Exportações totais do Brasil para os membros do BRICS e participação no total exportado do país (média 2019-2023)

BRICS	Exportações totais		Participação no total das exportações (%)
	US$ milhões	%	
China	82.561,2	91,9	29,8
Índia	4.289,6	4,8	1,5
Rússia	1.606,4	1,8	0,6
África do Sul	1.334,9	1,5	0,5
Total	**89.792,2**	**100,0**	**32,4**

Fonte: Comex Stat, 2024. Disponível em: https://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral. Acesso em: 10 ago. 2024.

A observação da composição da pauta exportadora brasileira para o BRICS mostra concentração em quatro principais setores produtivos: cultivo de cereais (exceto arroz), leguminosas e oleaginosas (32,6%); extração de minério de ferro (22,0%); extração de

petróleo bruto (18,8%); e processamento e conservação de carne (8,7%). Juntas, as quatro categorias somam 82% do total exportado, conforme mostra a tabela 2.

TABELA 2
Exportações totais do Brasil para o BRICS por atividade

Descrição ISIC (classe)	Média 2019-2023 (US$ milhões)	Total BRICS (%)
Cultivo de cereais (exceto arroz), leguminosas e oleaginosas	29.283,2	32,6
Extração de minério de ferro	19.790,9	22,0
Extração de petróleo bruto	16.872,8	18,8
Processamento e conservação de carne	7.836,7	8,7
Fabricação de polpa, papel e cartão	3.367,6	3,8
Fabricação de açúcar	1.953,2	2,2
Fabricação de ferro e aço básicos	1.628,9	1,8
Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais	1.415,5	1,6
Cultivo de culturas de fibra	1.114,6	1,2
Extração de outros minérios de metais não ferrosos	853,1	1,0
Outros	5.675,7	6,3
Total	**89.792,2**	**100,0**

Fonte: Comex Stat, 2024. Disponível em: https://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral. Acesso em: 10 ago. 2024.
Obs.: ISIC – International Standard Industrial Classification of All Economic Activities (Classificação Internacional Industrial Uniforme de Todas as Atividades Econômicas).

Evidentemente, a pauta exportadora brasileira reflete sobremaneira as relações comerciais com a China. Para tentar evidenciar melhor o comércio com os demais parceiros do bloco, a tabela 3 exclui a China da análise. Nesta nova configuração, com apenas Índia, Rússia e África do Sul, as principais atividades de exportação brasileiras seriam: extração de petróleo bruto (19,3%); fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais (13,9%); cultivo de cereais (exceto arroz), leguminosas e oleaginosas (8,8%); e fabricação de açúcar (8,5%). Como se pode perceber, não há mudança expressiva em termos de composição da pauta exportadora brasileira, que continua muito dependente das *commodities*.

TABELA 3
Exportações totais do Brasil para o BRICS por atividade, sem a China

Descrição ISIC (classe)	Média 2019-2023 (US$ milhões)	Total BRICS sem a China (%)
Extração de petróleo bruto	1.396,7	19,3
Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais	1.003,5	13,9
Cultivo de cereais (exceto arroz), leguminosas e oleaginosas	633,6	8,8
Fabricação de açúcar	612,4	8,5
Fabricação de metais preciosos e outros metais não ferrosos	590,4	8,2
Processamento e conservação de carne	567,0	7,8
Fabricação de produtos químicos básicos	205,3	2,8
Fabricação de veículos automotores	181,3	2,5
Fabricação de produtos petrolíferos refinados	152,8	2,1
Cultivo de bebidas da safra	139,1	1,9
Outros	1.748,9	24,2
Total	**7.230,9**	**100,0**

Fonte: Comex Stat, 2024. Disponível em: https://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral. Acesso em: 10 ago. 2024.

A tabela 4 mostra que, assim como as exportações, a principal origem das importações brasileiras entre os países do BRICS, levando em conta a média de 2019 a 2023, foi a China, com 78,1% das importações. Índia e Rússia representam um pouco mais de 10% cada e África do Sul, apenas 1,3%.

TABELA 4
Importações totais do Brasil para os membros do BRICS e participação no total importado do país (média 2019-2023)

BRICS	Importações totais		Participação no total das importações (%)
	US$ milhões	%	
China	46.475,5	78,1	21,6
Índia	6.231,2	10,5	2,9
Rússia	6.005,5	10,1	2,8
África do Sul	770,5	1,3	0,4
Total	**59.482,7**	**100,0**	**27,6**

Fonte: Comex Stat, 2024. Disponível em: https://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral. Acesso em: 10 ago. 2024.

As importações brasileiras dos países do BRICS são bastante diversificadas e mais complexas se comparadas às exportações, com predominância de bens da indústria de transformação. As cinco atividades mais relevantes foram: fabricação de produtos químicos básicos; fabricação de fertilizantes e compostos nitrogenados; fabricação de componentes eletrônicos e placas; fabricação de equipamentos de comunicação; e fabricação de produtos petrolíferos refinados. Juntas, estas categorias somaram 36% do total importado, conforme mostra a tabela 5.

TABELA 5
Importações totais do BRICS para o Brasil por atividade

Descrição ISIC (classe)	Média 2019-2023 (US$ milhões)	Total BRICS (%)
Fabricação de produtos químicos básicos	6.551,3	11,0
Fabricação de fertilizantes e compostos nitrogenados	4.812,2	8,1
Fabricação de componentes eletrônicos e placas	4.675,1	7,9
Fabricação de equipamentos de comunicação	2.733,3	4,6
Fabricação de produtos petrolíferos refinados	2.611,7	4,4
Fabricação de ferro e aço básicos	2.034,0	3,4
Fabricação de pesticidas e outros produtos agroquímicos	1.897,3	3,2
Fabricação de produtos eletrônicos de consumo	1.694,2	2,8
Fabricação de peças e acessórios para veículos automotores	1.592,9	2,7
Fabricação de motores elétricos, geradores, transformadores e aparelhos de distribuição e controle de energia elétrica	1.540,1	2,6
Outros	29.340,5	49,3
Total	**59.482,7**	**100,0**

Fonte: Comex Stat, 2024. Disponível em: https://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral. Acesso em: 10 ago. 2024.

Novamente, como a China se destaca como principal fornecedor de produtos para o mercado brasileiro (78,1% do total do BRICS), a tabela 6 traz dados de importação por atividade para Índia, Rússia e África do Sul, excluindo a China. Neste caso, as principais atividades se mantiveram as mesmas, tendo sido alteradas as suas proporções, com um aumento da concentração das quatro principais atividades, que somaram 64,26% do total importado.

TABELA 6
Importações totais do BRICS para o Brasil por atividade, sem a China

Descrição ISIC Classe	Média 2019-2023 (US$ milhões)	Total BRICS sem a China (%)
Fabricação de produtos químicos básicos	3.331,9	25,6
Fabricação de fertilizantes e compostos nitrogenados	2.534,1	19,5
Fabricação de componentes eletrônicos e placas	1.679,8	12,9
Fabricação de equipamentos de comunicação	812,4	6,2
Fabricação de produtos petrolíferos refinados	565,3	4,3
Fabricação de ferro e aço básicos	510,8	3,9
Fabricação de pesticidas e outros produtos agroquímicos	426,2	3,3
Fabricação de produtos eletrônicos de consumo	399,2	3,1
Fabricação de peças e acessórios para veículos automotores	317,1	2,4
Fabricação de motores elétricos, geradores, transformadores e aparelhos de distribuição e controle de energia elétrica	160,3	1,2
Outros	2.270,2	17,5
Total	**13.007,2**	**100,0**

Fonte: Comex Stat, 2024. Disponível em: https://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral. Acesso em: 10 ago. 2024.

Em suma, os dados de corrente de comércio intrabloco entre 2000 e 2023 destacaram o papel central da China, responsável por metade do volume total de comércio, e o expressivo crescimento das exportações e importações da Rússia, impulsionado por fatores geopolíticos e econômicos. O Brasil, embora com uma pauta exportadora concentrada em *commodities*, apresentou crescimento significativo nas relações comerciais com os membros do BRICS, sobretudo com a China, que domina o fluxo de comércio no bloco. Ao excluir a China da análise, tanto para exportações quanto importações, percebe-se que as relações comerciais brasileiras com Índia, Rússia e África do Sul seguem padrões similares, com uma pauta dependente de produtos primários e intermediários. Na próxima seção, serão analisadas as relações comerciais com os novos países integrantes do bloco.

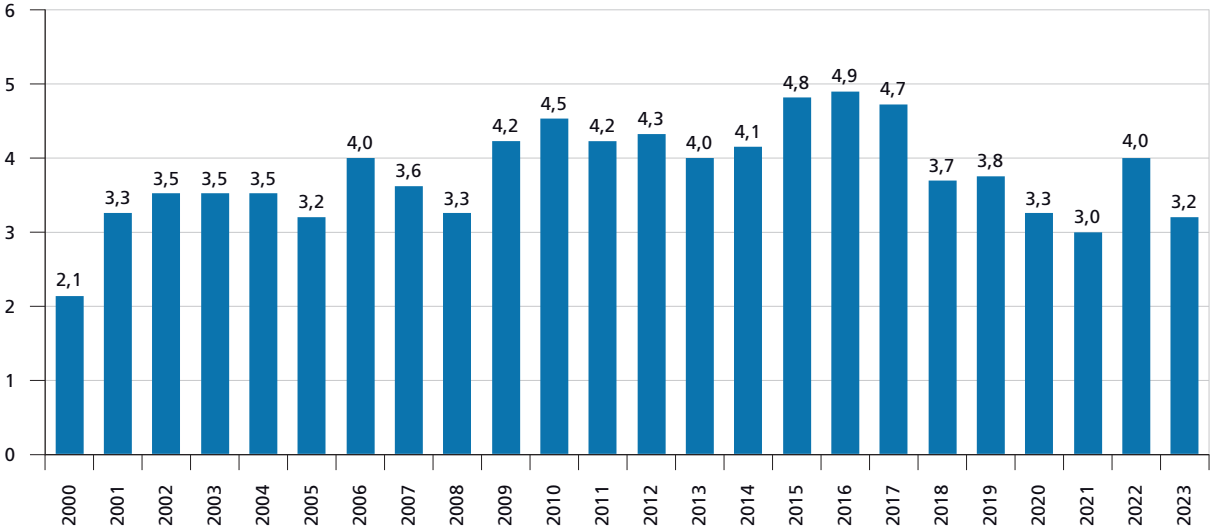
4 ANÁLISE DESCRITIVA DAS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE O BRASIL E OS CINCO NOVOS INTEGRANTES DO BRICS

Com relação aos cinco novos integrantes do BRICS, Arábia Saudita, Irã e Emirados Árabes Unidos se destacam como importantes produtores de hidrocarbonetos. Em particular, o Irã revelou forte interesse na adesão, com nítido objetivo de obter novos parceiros comerciais, a fim de se tornar menos dependente do Ocidente e amenizar os

efeitos das sanções econômicas impostas pelos Estados Unidos. Em contrapartida, a Arábia Saudita mantém relações estratégicas de segurança e energia com este país. Diante deste antagonismo, Irã e Arábia Saudita restabeleceram relações diplomáticas apenas em maio de 2023. Os novos parceiros africanos, Egito e Etiópia, têm destaque por serem países-chave na África, embora suas economias sejam essencialmente agrícolas.[15]

Os gráficos 6 e 7 mostram que as relações comerciais brasileiras com os novos entrantes não são expressivas. Em 2023, as exportações para esses países representaram apenas 3,2% do total, assim distribuídas: Arábia Saudita, com 29,1%; Emirados Árabes Unidos, com 28,8%; Egito, com 21,0%; Irã, com 20,9%; e Etiópia, com 0,2%.

GRÁFICO 6
Participação dos cinco novos integrantes do BRICS nas exportações totais do Brasil (2000-2023)
(Em %)

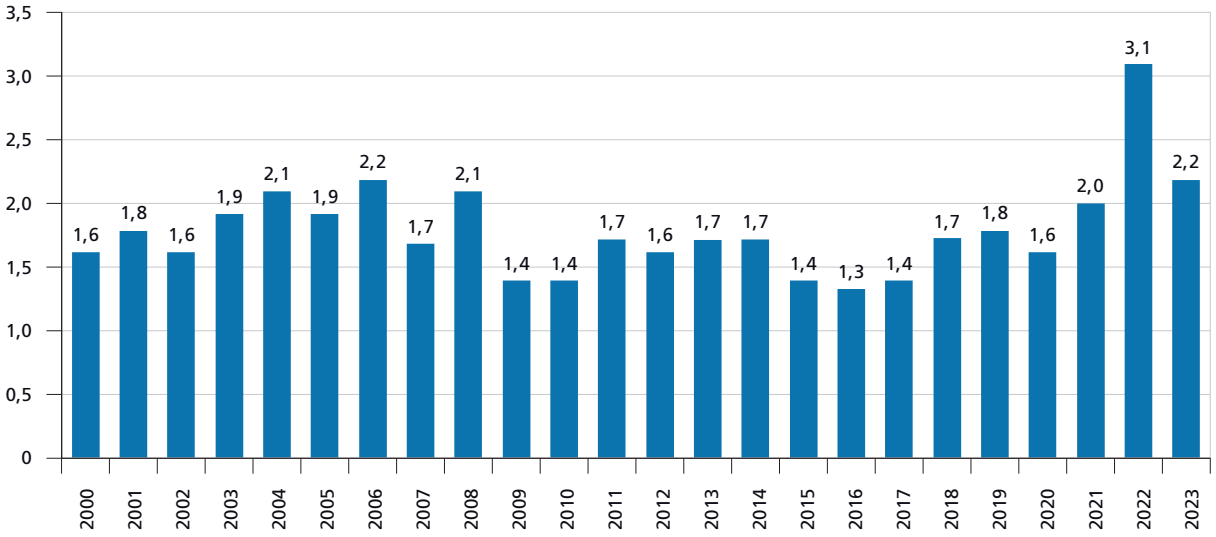


Fonte: UN Comtrade Database, 2024. Disponível em: https://comtradeplus.un.org/TradeFlow?Frequency=A&Flows=X&CommodityCodes=TOTAL&Partners=0&Reporters=all&period=2023&AggregateBy=none&BreakdownMode=plus. Acesso em: 10 ago. 2024.

As importações brasileiras oriundas dos novos entrantes equivaleram a 2,2% em 2023, com 63,1% oriundas da Arábia Saudita; 22,9% dos Emirados Árabes Unidos; e 9,9% do Egito. Irã e Etiópia apresentaram valores inexpressivos, próximos de zero (gráfico 7).

15. Disponível em: https://www.fiw.ac.at/en/2024/02/15/brics-plus-a-new-world-order-and-the-end-of-the-us-dollar-as-the-global-reserve-currency/.

GRÁFICO 7
Participação dos cinco novos integrantes do BRICS nas importações totais do Brasil (2000-2023)
(Em %)



Fonte: UN Comtrade Database, 2024. Disponível em: https://comtradeplus.un.org/TradeFlow?Frequency=A&Flows=X&CommodityCodes=TOTAL&Partners=0&Reporters=all&period=2023&AggregateBy=none&BreakdownMode=plus. Acesso em: 10 ago. 2024.

Na média de 2019 a 2023, o montante exportado pelo Brasil para os novos ingressantes é semelhante entre eles, da ordem de US$ 2 bilhões, com exceção da Etiópia (tabela 7).

TABELA 7
Exportações totais do Brasil para os novos integrantes e participação no total exportado do país (média 2019-2023)

Novos integrantes	Exportações totais		Participação no total das exportações (%)
	US$ milhões	%	
Emirados Árabes Unidos	2.610,7	27,3	0,9
Arábia Saudita	2.420,6	25,3	0,9
Irã	2.374,8	24,8	0,9
Egito	2.151,3	22,5	0,8
Etiópia	16,7	0,2	0,0
Total	**9.574,2**	**100,0**	**3,5**

Fonte: Comex Stat, 2024. Disponível em: https://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral. Acesso em: 10 ago. 2024.

No que se refere à classificação das exportações brasileiras para os novos entrantes segundo os produtos, nota-se uma concentração em três categorias: cultivo de cereais (exceto arroz), leguminosas e oleaginosas; processamento e conservação de carne; e fabricação de açúcar. Juntas, as três categorias somam 71% do total exportado, conforme mostra a tabela 8. Observa-se a centralidade dos bens primários na pauta exportadora, embora com alterações quanto à sua composição, incluindo uma reduzida participação de bens ligados a atividades extrativas (petróleo e minério de ferro), que correspondem a parcela relevante das exportações brasileiras aos membros originais do BRICS, especialmente ao mercado chinês.

TABELA 8
Exportações totais do Brasil para os novos integrantes

Descrição ISIC (classe)	Média 2019-2023 (US$ milhões)	Total novos integrantes (%)
Cultivo de cereais (exceto arroz), leguminosas e oleaginosas	2.973,9	31,1
Processamento e conservação de carne	2.453,1	25,6
Fabricação de açúcar	1.369,6	14,3
Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais	489,5	5,1
Extração de minério de ferro	381,7	4,0
Fabricação de metais preciosos e outros metais não ferrosos	365,7	3,8
Fabricação de polpa, papel e cartão	250,6	2,6
Fabricação de produtos petrolíferos refinados	182,9	1,9
Fabricação de ferro e aço básicos	118,4	1,2
Fabricação de produtos de tabaco	100,0	1,0
Outros	888,6	9,3
Total	**9.574,2**	**100,0**

Fonte: Comex Stat, 2024. Disponível em: https://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral. Acesso em: 10 ago. 2024.

Já a importação do Brasil, entre 2019 e 2023, com origem nos novos entrantes concentra-se, em maior parte, na Arábia Saudita, que representa 64,3% das importações totais entre os cinco países. As importações oriundas da Etiópia são muito próximas de zero.

Uma possível explicação para a concentração na Arábia Saudita se dá pelo fato de o comércio do Brasil com os outros membros entrantes no BRICS se notabilizar por sua baixa intensidade. Em razão disto, as relações comerciais com a Arábia Saudita, marcadas pela importação de petróleo e produtos petroquímicos e exportação de

alimentos e bens agrícolas, se sobressam ante as transações cultivadas com os demais novos membros. Importa, neste sentido, questionar as razões pelas quais as transações com os demais novos integrantes do BRICS apresentam baixa relevância, isto é, quais aspectos atualmente limitam a exploração de oportunidades e o incremento do comércio.

Tais fatores perpassam por barreiras estruturais e conjunturais. Entre os principais entraves destacam-se a baixa complementaridade das estruturas produtivas, a ausência de acordos comerciais robustos que reduzam barreiras tarifárias e não tarifárias, além de desafios logísticos relacionados à distância geográfica e à falta de rotas comerciais integradas. Ademais, a instabilidade política em países como Irã e Etiópia, associada a sanções internacionais e riscos percebidos, inibe o aprofundamento das relações comerciais. Contribuem, ainda, a concentração do comércio brasileiro em mercados mais tradicionais, como China, Estados Unidos e União Europeia, e o déficit de conhecimento mútuo sobre demandas de mercado e potenciais parcerias (Pereira *et al*., 2020; Garlipp, 2023) A tabela 9 reforça que o percentual dos novos entrantes em relação ao total do comércio brasileiro é pouco expressivo.

TABELA 9
Importações totais do Brasil para os novos integrantes e participação no total importado do país (média 2019-2023)

Novos integrantes	Importações totais		Participação no total das importações (%)
	US$ milhões	%	
Arábia Saudita	3.109,2	64,3	1,4
Emirados Árabes Unidos	1.196,6	24,8	0,6
Egito	439,6	9,1	0,2
Irã	88,1	1,8	0,0
Etiópia	0,2	0,0	0,0
Total	**4.833,8**	**100,0**	**2,2**

Fonte: Comex Stat, 2024. Disponível em: https://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral. Acesso em: 10 ago. 2024.

Observando as categorias de produtos importados, percebe-se uma maior diversificação comparativamente às exportações. As três principais categorias são: fabricação de produtos químicos básicos; fabricação de fertilizantes e compostos nitrogenados; e fabricação de componentes eletrônicos e placas. Elas são responsáveis por 83,2% das importações (tabela 10).

TABELA 10
Importações totais do Brasil oriundas dos novos integrantes

Descrição ISIC (classe)	Média 2019-2023 (US$ milhões)	Total novos integrantes (%)
Fabricação de produtos químicos básicos	1.807,1	37,4
Fabricação de fertilizantes e compostos nitrogenados	1.299,0	26,9
Fabricação de componentes eletrônicos e placas	915,7	18,9
Fabricação de equipamentos de comunicação	254,4	5,3
Fabricação de produtos petrolíferos refinados	159,0	3,3
Fabricação de ferro e aço básicos	105,8	2,2
Fabricação de pesticidas e outros produtos agroquímicos	91,6	1,9
Fabricação de produtos eletrônicos de consumo	29,4	0,6
Fabricação de peças e acessórios para veículos automotores	29,4	0,6
Fabricação de motores elétricos, geradores, transformadores e aparelhos de distribuição e controle de energia elétrica	23,4	0,5
Outros	119,0	2,5
Total	**4.833,8**	**100,0**

Fonte: Comex Stat, 2024. Disponível em: https://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral. Acesso em: 10 ago. 2024.

Em suma, notou-se que as relações comerciais do Brasil com os novos integrantes do BRICS, embora ainda limitadas em termos absolutos, revelam padrões interessantes. A Arábia Saudita, devido à sua posição de destaque como produtora de petróleo e seus fortes laços econômicos globais, lidera as importações brasileiras entre os novos membros. Esse padrão reflete as trocas tradicionais de *commodities*, com o Brasil exportando principalmente produtos agrícolas e alimentares, e importando petróleo e produtos derivados. Em contrapartida, a participação dos outros países – Emirados Árabes Unidos, Egito, Irã e Etiópia – é mais moderada, destacando a necessidade de diversificação nas relações comerciais e de ampliação das trocas com esses mercados, ainda pouco expressivos no total do comércio brasileiro.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Este estudo buscou evidenciar o panorama do comércio exterior do Brasil com os países-membros do BRICS. Conforme foi evidenciado, as transações com esses parceiros sofreram incremento de forma heterogênea: se, de um lado, a China representa a principal força comercial do bloco, por outro, houve dinamismo significativo por parte da Rússia e certamente há espaço para progresso dos negócios com os demais parceiros, especialmente os novos.

A cooperação econômica entre os países do BRICS, inserida na disputa geopolítica contemporânea, sugere alternativas de pagamento baseadas em moedas locais, não necessariamente com a intenção de reduzir o uso do dólar norte-americano, mas com o objetivo de facilitar e incrementar o comércio. O movimento de desdolarização seria impulsionado principalmente por interesses da Rússia e da China, mas encontraria relativa resistência da Índia e da África do Sul.

A presidência russa de 2024 concentrou esforços para discutir o estabelecimento de um sistema de pagamentos unificado do BRICS, paralelo, mas com funcionamento similar ao da Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication (Swift), do qual a Rússia encontra-se atualmente alijada. Para facilitar a implementação, sugeriu-se o uso do NDB como plataforma para integração, conversão e liquidação, contribuindo desta maneira aos objetivos declarados do BRICS de promover uma ordem financeira multipolar e desdolarizada (Tran, 2024; Klomegah, 2024).

A ampliação do grupo está associada à intenção de enfrentar de alguma forma a influência econômica ocidental, ainda que este objetivo gere controvérsias entre os membros, especialmente Índia, Brasil e África do Sul. Mas há argumentos de que poderia reduzir barreiras comerciais entre os membros, tornando o comércio mais acessível e eficiente. No entanto, ainda não há elementos que possam configurar um cenário crível. De qualquer forma, o aumento do número de parceiros no BRICS reforça a perspectiva de dinamização do desenvolvimento por meio de maior integração econômica.

No que diz respeito às características do comércio brasileiro, observou-se uma forte dependência de *commodities* na pauta exportadora, particularmente no setor agrícola, com baixa complexidade nas cadeias produtivas. Este panorama ajuda a reforçar o entendimento de que o país precisa se engajar tanto na adoção de práticas agrícolas sustentáveis quanto em iniciativas voltadas ao processo de reindustrialização, com o objetivo de melhor se inserir nas cadeias globais de valor.

Do ponto vista das intersecções entre comércio internacional e meio ambiente, crescentemente incorporadas em legislações nacionais e regionais, entende-se como essencial ao Brasil e ao BRICS como um todo a defesa da cooperação multilateral e de soluções centradas na OMC, de modo a permitir o equilíbrio entre questões globais e necessidades domésticas. Nesta organização, o BRICS tem tradicionalmente

defendido[16] o fortalecimento do sistema multilateral de comércio, incentivando a adoção de medidas para combater o protecionismo, garantir os interesses dos países em desenvolvimento e promover um sistema de comércio reformado, inclusivo e que contribua para a governança global (Zhongxiu e Qingxin, 2020). Neste sentido, entende-se que consensos estabelecidos na esfera multilateral podem favorecer a cooperação em matéria de comércio, envolvendo em alguma medida temas associados ao meio ambiente e às mudanças climáticas.

Em contrapartida, a diversidade econômica entre os membros do BRICS, em termos de PIB *per capita*, déficits em conta corrente e posições de investimento internacional, limita as capacidades de articulação e ação coletiva do grupo e torna desafiadora a adoção de abordagens políticas unificadas, como ocorre no G7. Isto não invalida, contudo, a identificação do BRICS como plataforma para estreitar contatos regulares e efetivar a coordenação do agrupamento em termos de governança, harmonização regulatória, programas de facilitação e compartilhamento de padrões e tecnologias.

Além disso, a heterogeneidade do BRICS pode ser vista como uma oportunidade para expandir o comércio intrabloco, promovendo a convergência econômica entre os membros, novos e originais. Políticas comerciais direcionadas, combinadas com medidas facilitadoras, como redução de tarifas, têm o potencial de aumentar significativamente o volume de comércio, fortalecendo cadeias produtivas regionais e globais, ao mesmo tempo em que são aliadas às políticas climáticas (Bhowmick e Bardhan, 2024; Afota *et al*., 2024).

De modo mais amplo, identifica-se como fundamental ao Brasil estabelecer estratégias para diversificação e agregação de valor às exportações, talvez associadas ao desejoso projeto de reindustrialização da economia nacional, não somente para a China, mas para o conjunto dos países do BRICS, em relação aos quais ainda há oportunidades inexploradas e amplo desconhecimento a respeito do funcionamento de seus mercados. Incluem-se, nestes esforços, ações de inteligência e promoção comercial que favoreçam a inserção competitiva de produtores e exportadores brasileiros, incluindo pequenas e médias empresas (Apex Brasil, 2023). Por fim, são resumidas, a seguir, considerações tidas como estratégicas ao Brasil na esfera do BRICS e das oportunidades associadas ao comércio e ao desenvolvimento sustentável:

16. Na Declaração de Kazan (Brasil, 2024), os países do BRICS reafirmaram seu apoio ao sistema multilateral centrado na OMC, defendendo a entrega de um sistema de solução de controvérsias vinculante de duas instâncias, completo, acessível e em bom funcionamento. Os países também concordam na rejeição de medidas protecionistas unilaterais e na promoção de cadeias de suprimentos seguras e resilientes. Outro aspecto enfatizado foi o comprometimento com a facilitação do comércio agrícola, incluindo o apoio à criação de uma plataforma de comércio de grãos (BRICS Grain Exchange) (Brasil, 2024).

- considerar as oportunidades derivadas de arranjos de facilitação de comércio baseados no uso de moedas locais visando ao crescimento das exportações;
- incorporar outros segmentos e atividades para além dos setores tradicionais de *commodities*, que concentram a pauta exportadora e a inserção competitiva do Brasil no BRICS e no mercado global como um todo;
- promover a cooperação intrabloco na defesa das regras multilaterais de comércio;
- qualificar a inserção internacional do Brasil por meio da priorização de práticas de agricultura sustentável e de esforços voltados à reindustrialização;
- explorar o BRICS como plataforma para estreitar contatos regulares e efetivar a coordenação em termos de governança e promoção comercial;
- estabelecer políticas comerciais direcionadas e medidas facilitadoras, visando ao fortalecimento de cadeias produtivas e sua construção em bases sustentáveis e inclusivas; e
- implementar ações de promoção e inteligência comercial em resposta às deficiências informacionais e de conhecimento sobre mercados ainda pouco explorados no âmbito do BRICS.

REFERÊNCIAS

ACHARYA, A. The future of global governance: fragmentation may be inevitable and creative. **Global Governance**, v. 22, n. 4, p. 453-460, 2016.

AFOTA, A. *et al*. Expansion of BRICS: what are the potential consequences for the global economy? **Banque de France Bulletin**, n. 250, 13 Feb. 2024. Disponível em: https://www.banque-france.fr/en/publications-and-statistics/publications/expansion-brics-what-are-potential-consequences-global-economy. Acesso em: 4 out. 2024.

APEX BRASIL. **Perfil bloco**: BRICS. [s.l.]: Apex Brasil, 2023. Disponível em: https://apexbrasil.com.br/br/pt/conteudo/estudos/perfil-brics.html. Acesso em: 30 set. 2024.

BHATTACHERJEE, K. Russia, India agreed to go ahead with trade in national currency. **The Hindu**, New Delhi, 11 July 2024. Disponível em: https://www.thehindu.com/news/national/russia-india-agreed-to-go-ahead-with-trade-in-national-currency-russian-diplomat/article68389836.ece. Acesso em: 29 set. 2024.

BHOWMICK, S.; BARDHAN, A. R. BRICS Plus: enhancing multilateralism and macroeconomic opportunities. **Revista Tempo do Mundo**, n. 33, Dec. 2024.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Declaração de Joanesburgo II**: Sandton, Gauteng, África do Sul – 23 de agosto de 2023. Brasília: MRE, 2023. (Nota à Imprensa, n. 355). Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/declaracao-de-joanesburgo-ii-sandton-gauteng-africa-do-sul-23-de-agosto-de-2023. Acesso em: 29 set. 2024.

_____. Ministério das Relações Exteriores. **XVI Cúpula do BRICS**: Kazan, Rússia, 22 a 24 de outubro de 2024 – Declaração Final. Brasília: MRE, 23 out. 2024. (Nota à Imprensa, n. 505). Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/xvi-cupula-do-brics-2013-kazan-russia-22-a-24-de-outubro-de-2024-declaracao-final. Acesso em: 17 dez. 2024.

BUENO, E. P. **Direito e relações internacionais**: os BRICS e as reformas das instituições internacionais. São Paulo: Editora dos Editores, 2019.

CARLOS, J. E. E. A importância do Brasil no BRICS para construção dos alicerces de uma ordem multipolar. **Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana**, v. 22, n. 6, p. 1-23, 2024.

CHATURVEDI, A. India ties up with UAE to settle trade in rupees. **Reuters**, 15 July 2023. Disponível em: https://www.reuters.com/world/india-ties-up-with-uae-settle-trade-rupees-2023-07-15/. Acesso em: 29 set. 2024.

COCKS, T. More than 40 nations interested in joining BRICS, South Africa says. **Reuters**, 20 July 2023. Disponível em: https://www.reuters.com/world/more-than-40-nations-interested-joining-brics-south-africa-2023-07-20/. Acesso em: 29 set. 2024.

DUGGAN, N.; AZALIA, J. From Yekaterinburg to Brasilia: BRICS and the G20, road to nowhere? **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 63, n. 1, 2020.

GABUEV, A.; STUENKEL, O. The battle for the BRICS: why the future of the bloc will shape global order. **Foreign Affairs**, 24 Sept. 2024. Disponível em: https://www.foreignaffairs.com/russia/battle-brics. Acesso em: 29 set. 2024.

GARLIPP, J. R. D. Política externa brasileira: reconstituir para ir além. **Jornal dos Economistas**, n. 412, 2023.

GENNARI, A. M.; MIGLIOLI, A. M.; LIMA FILHO, P. A. O Brasil e o BRICS Plus na nova fase da (des)globalização multipolar. **Revista Fim do Mundo**, n. 11, jan./jun. 2024.

GOUVEA, R.; GUTIERREZ, M. “BRICS Plus”: a new global economic paradigm in the making? **Modern Economy**, v. 14, n. 5, May 2023.

GREENE, R. **The difficult realities of the BRICS’ dedollarization efforts**: and the renminbi’s role. Washington: Carnegie Endowment for International Peace, Dec. 2023. (Working Paper).

GUERRERO, M. A. Neoinstitutionalist proposal to study the BRICS. **Contexto Internacional**, v. 44, n. 2, 2022.

KAZELKO, A.; SEMEGHINI, U. Expansion of BRICS: implications for global energy markets. **BRICS Journals of Economics**, v. 5, n. 1, p. 53-67, 2024.

KLOMEGAH, K. K. Prospects for BRICS new currency and new payment system. **Modern Diplomacy**, 15 Aug. 2024. Disponível em: https://moderndiplomacy.eu/2024/08/15/prospects-for-brics-new-currency-and-new-payment-system/. Acesso em: 29 set. 2024.

LEITE, B. S. *et al*. **Comércio internacional e meio ambiente**. [s.l.]: Insper; Funag, 2021. Disponível em: https://agro.insper.edu.br/storage/completionworks/May2023/7nLYmazXu9Hy5ivZuhp8.pdf. Acesso em: 30 set. 2024.

LO, B. **The illusion of convergence**: Russia, China, and the BRICS. Paris: Ifri, 2016. (Russie.NEI.Visions, n. 92). Disponível em: https://www.ifri.org/en/papers/illusion-convergence-russia-china-and-brics. Acesso em: 29 set. 2024.

MILHORANCE, F. BRICS mantêm coesão apesar de crises, baixa expectativa e covid. **Dialogue Earth**, 17 Sept. 2021. Disponível em: https://dialogue.earth/pt-br/negocios/46399-brics-mantem-coesao-apesar-de-crises-baixa-expectativa-e-covid/. Acesso em: 29 set. 2024.

MOLITERNO, D. Brasil e China completam primeira transação somente com yuan e real. **CNN Brasil**, 3 out. 2023. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/brasil-e-china-completam-primeira-transacao-somente-com-moedas-locais/. Acesso em: 29 set. 2024.

NORTON, B. BRICS grows, adding 13 new ‘partner countries’ at historic summit in Kazan, Russia. **Geopolitical Economy**, 26 Oct. 2024. Disponível em: https://geopoliticaleconomy.com/2024/10/26/brics-13-partner-countries-summit-kazan-russia/. Acesso em: 17 dez. 2024.

O’NEILL, J. **Building better global economic BRICs**. [s.l.]: Goldman Sachs, 2001. (Global Economics Paper, n. 66). Disponível em: https://www.goldmansachs.com/insights/goldman-sachs-research/building-better. Acesso em: 30 set. 2024.

PENNAFORTE, C.; LUIGI, R. The (re)emergence of the BRICS and the reorganization of power in contemporary geopolitics. **Austral**, v. 9, n. 18, p. 85-104, Jul./Dec. 2020. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/austral/article/view/94712/60257. Acesso em: 29 set. 2024.

PEREIRA, A. D. *et al*. (Org.). **Relações internacionais para educadores**: sistema internacional em transição – crises e conflitos. Porto Alegre: UFRGS, 2020. v. 7.

PIGATO, M. *et al*. **Technology transfer and innovation for low-carbon development**. Washington: International Bank for Reconstruction and Development/The World Bank, 2020. Disponível em: https://minesparis-psl.hal.science/hal-03109951/file/Technology%20Transfer%20and%20Innovation%20for%20Low-Carbon%20Development.pdf. Acesso em: 30 set. 2024.

PROKOPENKO, A. What are the limits to Russia's "yuanization"? **Carnegie Politika**, 27 May 2024. Disponível em: https://carnegieendowment.org/russia-eurasia/politika/2024/05/china-russia-yuan?lang=en. Acesso em: 29 set. 2024.

SAVAGE, R.; PLESSIS, C. du. BRICS currency not on August summit agenda, South African official says. **Reuters**, 20 July 2023. Disponível em: https://www.reuters.com/world/brics-currency-not-august-summit-agenda-south-african-official-2023-07-20/. Acesso em: 29 set. 2024.

STEVENS, P. A story of Brics without mortar. **Financial Times**, 2011. Disponível em: https://www.ft.com/content/352e96e8-15f2-11e1-a691-00144feabdc0. Acesso em: 29 de setembro de 2024.

TRAN, N. The new BRICS currency and payment systems? **Stratheia Policy Journal**, 20 Aug. 2024. Disponível em: https://stratheia.com/the-new-brics-currency-and-payment-systems/. Acesso em: 29 set. 2024.

VAZQUEZ, K. C. Brazil and BRICS multilateralism à la carte: from bilateralism to community interest. **Global Policy**, v. 12, n. 4, p. 534-538, Sept. 2021.

VERMA, N. India surpasses China to become Russia's top oil buyer in July. **Reuters**, 22 Aug. 2024. Disponível em: https://www.reuters.com/markets/commodities/india-surpasses-china-become-russias-top-oil-buyer-july-2024-08-22/. Acesso em: 30 set. 2024.

VISENTINI, P. F. **O desafio do Oriente na crise do Ocidente**. Porto Alegre: Editora Isape, 2022.

YADAV, M. India to boost economic ties with Russia through trade in local currency. **The New Indian Express**, 16 July 2024. Disponível em: https://www.newindianexpress.com/business/2024/Jul/16/india-to-boost-economic-ties-with-russia-through-trade-in-local-currency. Acesso em: 29 set. 2024.

YAN, L. BRICS expansion: economic cooperation and implications. *In*: TI – TAIHE INSTITUTE. **BRIC by BRIC**: building blocks for a better connected world. Beijing: Taihe Institute, 2024. (TI Observer, v. 40). Disponível em: http://www.taiheinstitute.org/UpLoadFile/files/2024/1/31/1674676004b859a1-0.pdf. Acesso em: 29 set. 2024.

ZHONGXIU, Z.; QINGXIN, L. Promoting BRICS cooperation for economic growth and development. **Revista Tempo do Mundo**, n. 22, p. 39-58, 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/revistas/index.php/rtm/article/view/234.

Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

EDITORIAL

Coordenação
Aeromilson Trajano de Mesquita

Assistentes da Coordenação
Rafael Augusto Ferreira Cardoso
Samuel Elias de Souza

Supervisão
Aline Cristine Torres da Silva Martins

Revisão
Bruna Oliveira Ranquine da Rocha
Carlos Eduardo Gonçalves de Melo
Crislayne Andrade de Araújo
Elaine Oliveira Couto
Luciana Bastos Dias
Rebeca Raimundo Cardoso dos Santos
Vivian Barros Volotão Santos
Luíza Cardoso Mendes Velasco (estagiária)

Editoração
Aline Cristine Torres da Silva Martins
Camila Guimarães Simas
Leonardo Simão Lago Alvite
Mayara Barros da Mota

Capa
Aline Cristine Torres da Silva Martins

Projeto Gráfico
Aline Cristine Torres da Silva Martins

The manuscripts in languages other than Portuguese published herein have not been proofread.

Missão do Ipea

Qualificar a tomada de decisão do Estado e o debate público.

ISSN 1415-4765

ipea Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO